RESENHA

LAJOLO, Marisa. **Literatura ontem, hoje, amanhã**. São Paulo: Editora Unesp, 2018

Maurício Silva[1]
[http://orcid.org/0000-0002-9609-4579]
Regiane Harich[2]
[https://orcid.org/0000-0002-4062-6273]
DOI: 10.30612/raido.v14i35.12041

O que é Literatura? Quantos sentidos possui essa palavra? Como o conceito de literatura se transformou através dos séculos? Essas são algumas das perguntas que Marisa Lajolo faz em seu mais recente livro sobre o tema, procurando refletir acerca desse universo tão complexo que é a literatura. O livro – que teve uma primeira versão em 1982, com o título de *O que é literatura?* – retorna agora, mas numa versão modificada e ampliada, seguindo, de acordo com a autora, as inúmeras transformações que a própria literatura sofreu nestes quase trinta anos.

Pesquisadora e crítica literária, além de professora universitária, Marisa Lajolo interessou-se, desde o início de sua carreira acadêmica, pelo assunto, defendendo seu doutorado sob a orientação do célebre crítico literário Antonio Candido (1918-2017). Tendo atuado como professora na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), hoje ministra suas aulas no curso de Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Empregando uma linguagem simples, bastante acessível ao leitor não especializado no assunto, Lajolo inicia salientando que a literatura, nos últimos tempos, mudou muito, como nunca antes, o que gera uma série de questionamento acerca de sua natureza: música popular é poesia? E a *fanfiction*? A telenovela tem tanto valor quanto o romance? E o que está nos *blogs* é literatura? Folheto de cordel tem a mesma importância estética que a epopeia? Por isso, completa, quando Castro Alves (1847-1871), grande poeta brasileiro, descrevia – há bem mais de um século – seu sonho de um mundo onde houvesse "livros, livros e mancheias", estava profetizando os dias de hoje.

Apesar desses e de outros questionamentos (Por que não dizer que literatura é aquilo que cada um considera literatura? Por que não seriam literatura os poemas que o jovem poeta escreve no computador, põe na *internet* e convida os internautas a lerem? etc.), a autora arrisca dizer que a pergunta "O que é literatura?" nem sempre é a melhor maneira de encarar a questão. E completa: "um professor de literatura inglesa contemporâneo de Shakespeare (1564-1616) ficaria espantado se lhe dissessem que Shakespeare era literatura" (p. 17). Por isso, ser ou não ser literatura é assunto que se altera ao longo do tempo e desperta verdadeiras paixões.

Lajolo explica, em seu livro, que uma obra literária é um "objeto" muito específico,

1 Professor Doutor na Universidade Nove de Julho.

2 Mestranda em Educação pela Universidade Nove de Julho.

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 14 | n. 35 | p. 348 - 350 | mai/ago 2020

que para que ela exista é preciso, em primeiro lugar, que alguém a escreva e que outro alguém a leia. E para que ela passe das mãos do autor aos olhos do leitor várias instâncias se interpõem: editor, diagramador, impressor, distribuidor e livreiros são algumas delas. Trata-se, assim, de uma espécie de *corredor*, pelo qual passa a obra antes que se cumpra sua natureza social de criar um espaço de interação entre dois sujeitos – o autor e o leitor. No caso do livro digital, contudo, desaparecem algumas dessas instâncias e surgem outras: o programador, por exemplo.

Para a autora, quando surgem novos tipos de poemas, romances, contos etc. multidões de leitores entram em cena, e os livros passam a ser lidos de forma diferente. Os "novos" leitores engatam novas discussões, formulam novas teorias, propõem novos conceitos, até que a poeira assente para, de novo, levantar-se em nuvem tempos depois. Diante de um quadro tão complexo, a autora acaba pedindo socorro ao dicionário, a fim de inventariar significados da palavra "literatura", coligindo ali pelo menos dez significados distintos, o que torna a situação ainda mais complicada.

Buscando, então, refletir acerca desse conceito, lembra que literatura não é somente transmissão de informações, pois ela cria em cada pessoa aquilo que os sentidos levam a interpretar. Em outros termos, vivenciamos aquilo que lemos e criamos dentro de nós a imagem proposta pelo(a) autor(a) que tanto pode ser "verídica" ou criação da imaginação. As personagens podem ter existido ou serem meras criações, mas, mesmo na criação, há algo de verdadeiro, pois o autor fornece o que tem.

Marisa Lajolo vai além da definição do que é literatura, procura nela outros "elementos" que, talvez, ajudem a explicá-la. Questiona, por exemplo, o papel e a participação da mulher no exercício literário, lembrando que pesquisas recentes têm encontrado escritos femininos em tempos e lugares nos quais não se pensavam que as mulheres escrevessem. Ao lado da literatura das mulheres, complementa, a literatura das crianças, dos negros, dos homossexuais, de uma infinidade de tendências e sujeitos foi historicamente invisibilizada, mas tudo isso é literatura também!

O acesso às produções literárias atualmente é enorme, grandes nomes da literatura hoje são encontrados desde nas mais renomadas livrarias até nas áreas de conveniência dos postos de gasolina. A vida modernizou-se e, com isso, atenuou-se o autoritarismo de algumas opiniões acerca da literatura, que, nos séculos XX e XXI, mergulha na grande aventura da significação provisória e na sucessão e simultaneidade de técnicas de comunicação e de reprodução. Em outras palavras, exemplifica a autora, saímos do manuscrito para o impresso e para o xérox, dos livros para os jornais e revistas, além do rádio e da televisão, até chegarmos à *internet*. Mas, alerta Lajolo, uma nova linguagem, um novo suporte não liquida os anteriores, já que todos convivem num mesmo espaço.

Pode-se dizer, então, que essa modernidade toda funciona como um grande livro, coletivamente escrito e coletivamente lido. Há as mais variadas linguagens e códigos que se cruzam e se fecundam mutualmente. É, em suma, o princípio da intertextualidade, que se manifesta melhor, hoje em dia, no hipertexto. Segundo a autora, o mundo digital fortalece uma concepção de literatura que a entende como um tipo de discurso cuja leitura supõe um leitor capacitado a recuperar de forma consciente as formas de intertextualidade presentes em cada texto que lê – por meio da intertextualidade e da hipertextualidade, torna-se possível o trânsito de uma linguagem a outra, enlaçando-as em significados que, transcendendo ambas, criam uma terceira.

Buscando refletir sobre a literatura numa acepção ampla, a autora consegue, com esta obra, nos levar a uma infinidade de considerações capaz de, ao mesmo tempo problematizar e aprimorar a tradicional ideia de literatura que se possa ter, motivo pelo qual a leitura de seu livro adquire reconhecível importância nos dias atuais.

Recebido em 26/05/2020
Aceito em 25/06/2020

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 14 | n. 35 | p. 348 - 350 | mai/ago 2020